

Platão e a Batcaverna

Lúcia Helena Marques Ribeiro¹

Resumo: A palavra grega *Paideia* nos remete à essência do que a educação deve representar naquilo que precisa proporcionar como formação humanística para que forme cidadãos éticos que poderão exercer um papel positivo na sociedade, e a educação literária é parte disso. A Literatura, desde os seus primórdios, cumpre o seu papel de criar mitos como forma de representar as ações humanas, de recriar perspectivas históricas por meio das ações dos heróis e suas impossíveis trajetórias, para mostrar aos homens as diversas possibilidades de transcender o cotidiano. O ensino da Literatura, para cumprir o seu papel, deve empreender uma caminhada de resgate de leitores, assim como fizemos a nossa própria caminhada desde o primeiro gibi, ou do primeiro conto de fadas. É objetivo deste trabalho buscar uma reflexão sobre o resgate da leitura a partir da importância dos mitos no reforço do imaginário, na motivação afetiva, para a construção de sentido.

Palavras-chave: Literatura. Leitura. Mito. Herói.

Plato and the Batcave

Abstract: The Greek word *Paideia* brings us to the essence of what education must represent in what it needs to provide as a humanistic formation to form ethical citizens who can play a positive role in society, and Literature education is part of it. Literature, since its inception, fulfills its role of creating myths as a way of representing human actions, of recreating historical perspectives through the actions of heroes and their impossible trajectories, to show people the various possibilities of transcending daily life. The teaching of Literature, in order to fulfill its role, must undertake a reader rescue journey, just as we have done our own journey from the first comic book or the first fairy tale. The aim of this paper is to seek a reflection on the recovery of reading based on the importance of myths in reinforcing the imagination, and on the affective motivation for the construction of meaning.

Keywords: Literature. Teaching. Myth. Hero.

1 INTRODUÇÃO

Fala fluentemente vinte idiomas. Mestre em todas as artes de combate corpo-a-corpo; estudou ventriloquia e artes teatrais que o ajudam em fugas fantásticas e disfarces ousados; especializou-se em diversas áreas do conhecimento que o auxiliam no combate ao crime: química, física nuclear, física quântica, biologia, medicina, tecnologia de informação, direito e relações internacionais, criminologia, e, é claro ... literatura! Mas por ser um simples

¹ Doutora e mestra em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Possui graduação em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Foi professora do Curso de Letras da Universidade Católica de Brasília por seis anos. É professora Adjunta do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília - UnB desde 2009. Trabalha com Literaturas de Língua Portuguesa, desenvolvendo pesquisas em temas como emigração, memória, identidade cultural, pós-colonialismo e pós-modernismo. Atualmente inicia pesquisa de pós-doutoramento em Literatura Infantil de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: luciahelena@unb.br.

mortal, como qualquer um de nós, e não possuir superpoderes sabia que apenas essas habilidades não bastariam para seguir uma vida rotineira de super-herói combatendo o crime. Então, para defender os inocentes e intimidar os adversários sem escrúpulos, além da uma personalidade marcante, precisaria de um uniforme que causasse impacto, uma voz intimidadora e de um cinto de múltiplas utilidades, com uma ampla gama de dispositivos tais como lasers, cápsulas de oxigênio, cápsulas de fumaça comprimida, cápsulas de cordas de escalada, nano comunicadores via satélites, nano canivetes, e uma fivela enorme com a sua logomarca. Possui ainda veículos dotados de equipamentos de última tecnologia, como o *batmóvel*, o *batplano*... não, hoje já temos o *bathelicóptero*, a *batlancha* e o *batskate*. Na sua batcaverna, com seu *batsupercomputador*, testa novos engenhos que a ciência e a põe à sua disposição para salvar a humanidade das mãos de tenebrosos meliantes que estão sempre a ameaçar... *Gotham City*. Seu nome: Batman.

São muitas e muitas gerações de crianças e adolescentes, e alguns bem crescidinhos, que gastaram, ou ganharam, muitas horas lendo as histórias de Batman que começaram a serem escritas em 1939 por Bill Finger e Bob Kane, e publicadas pelas DC Comics nos EUA. Batman começou a ser publicada na esteira do sucesso de Super-Homem (1938), em um momento em que os Estados Unidos da América atravessavam um período difícil, tentando sobreviver a uma recessão econômica que havia atirado o país em uma enorme onda de desemprego, e a chegada de super-heróis e mitos salvadores, não por casualidade, era muito bem-vinda então.

Por princípio, o papel do super-herói deve ser combater o mal, sempre em defesa da paz e do bem do homem, e para tanto, deve usar os seus poderes e habilidades, por isso é o protagonista das histórias. Esse argumento não é novo, vem da mitologia antiga quando deuses e heróis conviviam, medindo forças sobre-humanas, cumprindo o destino que lhes cabia como missão, transpondo obstáculos impossíveis e vivendo de acordo com a paixão e a ética.

É extensa a galeria dos heróis das revistas de quadrinhos que a partir da década de trinta do século XX passou a fazer parte da leitura de crianças e jovens, a começar pela América do Norte, e que foi se espalhando pelo mundo como forma de lazer, e de fortalecimento do seu imaginário e que acabaram por encaminhá-los para o hábito da leitura de livros de literatura, ao contrário do que muitos professores pregavam. Flash Gordon, Lanterna Verde, Fantasma, Capitão América, dividiam espaço com Tarzan, Zorro e mesmo

Popeye. Mas serviram também de porta de entrada para o mundo da leitura de obras como *As Aventuras de Tom Sawyer* de Mark Twain, *A Ilha do Tesouro*, de Robert Louis Stevenson, ou de autores como Malbatham ou mesmo para as obras de Monteiro Lobato, no Brasil.

O imaginário reforçado por personagens e mitos pode responder a muitas perguntas durante o crescimento da criança. Segundo Rollo May, na obra *À procura do Mito*², a literatura, por meio das narrativas, as mais diversas, nada mais é do que a organização de mitos que falam ao nosso consciente e ao nosso inconsciente, reforçam significados, expandem a imaginação, destravam amarras emocionais e alongam horizontes. A identificação com o herói muitas vezes pode trazer um sentido de identidade pessoal onde antes havia apenas uma pergunta: Quem sou eu?

Porém, antes de pensarmos sobre meios ou técnicas de ensino de literatura, antes de tentarmos ser os “flautistas de Hamelin”, temos que fazer algumas perguntas para nós mesmos! Como nos tornamos leitores? O que nos encantou nos primeiros momentos de leitura? O que não nos encantou? Que tipo de leitores somos? Que tipo de professores de literatura somos? Na verdade, cada um de nós teve uma caminhada em direção à leitura literária, e é essa caminhada que deveria ser observada, dentro de nós, quando queremos refletir sobre a questão da leitura ou do resgate da leitura em sala de aula ou fora dela. Aí entram as experiências pessoais de cada leitor, ou as cavernas de cada um. Como um retorno à batcaverna e aos nossos heróis da infância, e uma reflexão sobre uma outra caverna, a do Platão e os seus significados.

2 REFAZENDO A CAMINHADA

Durante alguns semestres, precisei substituir uma colega numa disciplina de Laboratório de Ensino de Literatura no Curso de Letras da Universidade de Brasília. Durante esse tempo, fiz algumas constatações importantes quanto ao preparo dos nossos alunos para o ensino de literatura, quanto à bagagem de leitura que eles mesmos trazem, chegados, na sua maioria de escolas públicas, e quanto à história de leitura de cada um. A partir daí, realizei com a ajuda deles pequenas pesquisas em escolas da rede pública do Distrito Federal para averiguar como estava a situação do ensino de literatura no ensino fundamental e médio; que tipo de livros literários eram disponibilizados para crianças e adolescentes, e de que forma era

² MAY, Rollo. *À procura do mito*. São Paulo: Manole, 1992.

inserida a leitura desses livros no cotidiano escolar. Também era parte das pesquisas saber se todas as escolas tinham bibliotecas e como eram utilizadas pelos alunos. Além disso, também foi verificado nos livros didáticos se havia atividades com textos literários e que de forma eram propostas.

Os resultados foram apresentados em forma de relatórios e discutidos em sala de aula ao final do semestre. Resumidamente, ainda que existissem “Planos Nacionais de Cultura” com muitas metas, PCN’s, etc..., a realidade das salas de aula, com raras e honradas exceções, ainda estavam longe de privilegiar uma formação que favorecesse o ensino de literatura com alguma prioridade, visando a expansão do imaginário da criança, da organização da sua fala criativa e dos seus pensamentos, e da construção da sua narrativa. As pesquisas apontaram para escolas sem programas de leituras literárias, professores mal preparados e com exigências para vencer um programa com ênfase no estudo da gramática, no qual passagens literárias eram usadas como pretexto para o ensino da sintaxe. No ensino médio, eram exigidas as leituras com vistas às provas do PAS e do vestibular, necessárias para quem quiser ingressar na universidade pública, como continua a acontecer.

O primeiro livro da minha vida foi *A cartilha do guri*, o livro no qual eu me alfabetizei. Tinha lá dois personagens: O Olavo e a Élide. Eles viam a uva, o ovo, me ensinaram a escrever o meu nome, e aprendi que o E, assim fechado, como se pronunciava na região onde nasci, podia ser também pronunciado É, porque a Élide tinha um grampinho no seu É. O segundo livro da minha vida foi *A estrada iluminada*, do qual eu decorei o meu primeiro poema que foi declamado para a minha mãe no dia das mães no Cine Teatro da minha pequena cidade.

Meus irmãos liam as revistas do *Tarzan*. Eu fingia que lia, porque ainda não sabia, mas adivinhava o texto pelo desenho das figuras. Depois que aprendi, passei a ler o *Tio Patinhas*, *Pato Donald*, *Mickey*, e todos os gibis que caíam nas minhas mãos e os que não caíam, porque o meu irmão não me emprestava os dele, mas como ele estudava em colégio interno eu podia invadir o seu esconderijo e era o paraíso... Havia também uma espécie de confraria do bem quando uma criança adoecia e os primos e amigos emprestavam as revistinhas às pilhas, e naquele tempo havia médicos e não havia viroses, era sarampo mesmo, catapora, rubéola, enfim, doenças que todas as crianças pegavam umas das outras! A gente ficava na cama por vários dias, então tínhamos muito o que ler fechadas em um quarto sem

televisão. E aí as tias vinham com as coleções de fábulas e histórias dos Irmãos Grimm, e entrava tudo na pilha de leituras.

Depois foi a vez das fotonovelas. Eram romances em histórias em quadrinhos, só que em vez de serem desenhadas, eram fotografadas, cena por cena. Melodramáticas, como as novelas de televisão e faziam tanto sucesso quanto. Eu lia tudo, muitas vezes eram histórias clássicas representadas em grandes produções fotográficas, como *Os Três Mosqueteiros*, *O Príncipe e o Mendigo*, *A Dama das Camélias*, e outras de autores da literatura. Ou não!

Tive a sorte de ter uma família leitora e muito narrativa. Cheia de tios e primos e com muitas histórias familiares. Sei o quanto isso foi fundamental para que eu fosse uma leitora desde cedo. Mas também sei que a atuação das professoras que tive no meu início escolar foi muito importante, assim como o contato com as revistas em quadrinhos desde cedo. Estudei em escola pública com ótimas professoras, bons livros, bons currículos, uma educação que previa música, teatro, artes, história da arte. Entender literatura era mais fácil com uma educação assim, formadora. Esse foi o meu caminho, mas certamente não tem sido o da maioria dos estudantes do ensino fundamental e médio de pelo menos dos últimos trinta anos no Brasil. A educação literária na escola perdeu espaço para o despreparo de professores, para currículos equivocados, para o pouco espaço que a educação humanística de uma forma geral tem.

3 À PROCURA DOS MITOS

Penso muito na alegoria da Caverna de Platão quando o assunto é em ensino e educação, na palavra grega *Paideia* e naquilo que se refere ao seu mais essencial significado, ou seja, a formação ética do cidadão, daquele que depois de ser assim formado, deverá exercer um papel positivo na sociedade. E a formação literária faz parte disso, certamente. Sócrates teria narrado sobre os habitantes de uma caverna que teriam vivido ali toda a sua vida, presos desde pequenos, sempre de costas para a saída, sem poder olhar para trás, e o que podiam ver eram apenas as sombras provocadas pela luz de uma fogueira que projetava na parede do fundo, as formas das pessoas que passavam fora. Esses prisioneiros ao ouvirem o eco das vozes que vinha igualmente de fora, acreditavam que ouviam a linguagem das sombras. Supondo que um dos integrantes da caverna pudesse sair e ver a luz real do sol e a realidade do mundo, num primeiro momento, correria para dentro, acreditando que a realidade

era o que crescera vendo dentro da caverna, ou seja, o mundo das sombras. Só aos poucos teria condições de não mais se ofuscar com a luz direta do sol, e de contemplar a imagem dos homens e das coisas refletidas nas águas, o céu e as estrelas. E muito depois, lembrando da consciência das coisas que tinha antes, e do cativeiro no qual tinha vivido, começaria a sentir-se feliz. Mas se quisesse voltar para a caverna, não conseguiria mais distinguir as imagens das sombras, acostumado ao sol que já estava. Se tentasse convencer seus antigos companheiros, talvez fosse considerado louco.

A explicação dada para a alegoria da caverna de Platão na obra *A República*³, nos diz que o filósofo a aponta expressamente como uma alegoria da *Paidéia*, ou da natureza humana e da sua atitude perante o conhecimento e a falta dele. A ação, ou o movimento interno de iluminação que acontece não tem volta possível. Mas esse caminho é pessoal e intransferível. A formação educacional e ética do ser humano é um processo que deve acontecer ao longo da vida a partir de valores e significados aprendidos durante a sua educação. E os mitos tem um papel importante desde sempre ao longo da história da formação do homem.

Joseph Campbell, autor de muitas obras sobre mitologia, em *O poder do Mito*⁴ discute o fato de que os jovens contemporâneos estão expostos ao acúmulo de tecnologia e informações, e uma forte tendência à especialização, sem, contudo, obter uma formação humanista que inclua uma visão do homem a partir do estudo da arte e da literatura, ou seja, do contato com os mitos:

As literaturas grega e latina e a Bíblia costumavam fazer parte da educação de toda a gente. Tendo sido suprimidas, toda uma tradição de informação mitológica do Ocidente se perdeu. Muitas histórias se conservavam, de hábito, na mente das pessoas. Quando a história está em sua mente, você percebe sua relevância para com aquilo que esteja acontecendo em sua vida. Isso dá perspectiva ao que está acontecendo. Com a perda disso, perdemos efetivamente algo, porque não possuímos nada semelhante para pôr no lugar. Esses bocados de informação, provenientes de tempos antigos, que têm a ver com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, que construíram civilizações e enformaram religiões através dos séculos, têm a ver com profundos problemas interiores, com os profundos mistérios, com os profundos limiares da travessia, e se você não souber o que dizem os sinais ao longo do caminho, terá que produzi-los por sua conta. Mas assim que for apanhado pelo assunto, haverá um tal senso de informação, de uma ou de outra dessas tradições, de uma espécie tão profunda, tão rica e vivificadora, que você não quererá abrir mão dele. (p.4)

³ JAEGER, Werner. **Paideia** – a formação do povo grego. São Paulo: [s.d.]

⁴ CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

Em outras palavras, a perda do contato com o mito, ou a separação entre logos e mito ocorrido com o advento da ascensão da ciência, colocou a formação humanística em perigo. O homem perdeu seus heróis e acabou sem referências para o exercício da ética. Os homens de Neandertal demonstravam com seus túmulos uma forma de transcendência nos seus rituais de morte. Porém os do século XIX, dentro da visão privilegiada da racionalidade, passaram a considerar o mito uma forma inferior de pensamento.

Não foi uma casualidade o surgimento dos super-heróis no início do século XX. “Heróis são necessários a fim de capacitar os cidadãos a encontrar seus próprios ideais, coragem e sabedoria na sociedade”, nos diz Rollo May⁵. Depois de uma fase em que o dinheiro correu solto nos anos vinte, o desfecho trágico do dia 29 de outubro de 1929, com a quebra do mercado americano de ações, deu-se início ao que ficou conhecido como a Grande Depressão. A Era efervescente do Jazz ruía com grande parte dos sonhos americanos e uma obra foi a porta-voz profética desse colapso: *O Grande Gatsby*, de Scott Fitzgerald. É o romance da tragédia do mito americano, ou a reescrita do mito de Proteu, da capacidade de mudança conforme os objetivos a serem atingidos.

Se um herói é um mito em ação, a América precisava de ambos naqueles tempos difíceis. Um super-herói é um personagem modelo, com todos os seus atos dedicados em prol do interesse público. Protagoniza aventuras em defesa do bem comum, derrotando vilões igualmente poderosos, em ações solitárias nas quais conta somente com a sua força, inteligência e superpoderes. É um modelo de virtudes e ética. Ele traz consigo as nossas aspirações e crenças. “Ansiamos por heróis como modelos, como padrões de ação, como ética em carne e osso, igual a nós”⁶, nos diz o mesmo autor. Iguais ou não, as personagens das histórias em quadrinhos surgiram e ganharam espaço editorial para crianças e adolescentes. A redação de roteiros e ilustração tornou-se uma indústria lucrativa formando gerações de escritores, ilustradores e de leitores, inclusive adultos, colecionadores de edições históricas das principais personagens.

A Segunda Grande Guerra Mundial foi outra crise na qual os quadrinhos e seus heróis tiveram igualmente grande popularidade, sobrevivendo ao racionamento de papel e ao alistamento de seus ilustradores. Porém, as histórias nas quais os super-heróis venciam o mal,

⁵ MAY, Rollo. *À procura do mito*. São Paulo: Manole, 1992, p.38.

⁶ Idem.

combatendo as forças do Eixo, ajudavam aos seus leitores a esquecer os horrores das frentes de batalha.

4 O SOL ILUMINANDO A CAVERNA

“Que a Força esteja com você”. Essa frase tornou-se um mantra desde os anos 70. Outro herói do final do século XX, que não é dos quadrinhos, mas do cinema, não poderia deixar de ser citado, pela perspectiva mitológica da narrativa criada pelo cineasta George Lucas. O primeiro filme lançado em 25 de março de 1977, originalmente, *Star Wars*, acabou por se tornar um fenômeno cultural, assim como os outros dois filmes que compuseram a trilogia, *O império contra ataca* e *O retorno do Jedi*. Luke Skywalker, o herói, luta junto com Han Solo e a princesa Leia pela *Aliança Rebelde*, combatendo o lado negro da Força representado pelo Império Galáctico e o ex-jedi Darth Vader, na verdade seu pai:

Joseph Campbell trabalhou com George Lucas na construção do roteiro de *Guerra nas Estrelas*, auxiliando o cineasta na transposição de antigos temas e motivos da mitologia em poderosas imagens de ficção que os truques da tecnologia da época conseguiram proporcionar apenas para contar mais uma vez a clássica história do herói:

Penso que em parte isso explica o sucesso de Guerra nas estrelas. Não foi apenas a qualidade da produção que fez dele um filme tão atraente, é, também, que ele chegou num momento em que as pessoas tinham necessidade de ver, em imagens assimiláveis, o embate entre o bem e o mal [...] O fato de o poder do mal não estar identificado com nenhuma nação específica, nesta terra, significa que você tem aí um poder abstrato, que representa um princípio, não uma situação histórica específica. A história do filme tem a ver com uma operação de princípios, não com esta nação ou aquela. As máscaras de monstros representam a verdadeira força monstruosa no mundo moderno. Quando a máscara de Darth Vader é retirada, você vê um rosto informe, de alguém que não se desenvolveu como indivíduo humano. O que se vê é uma espécie de face indiferenciada, estranha e digna de pena.⁷

A linguagem utilizada no filme alcançou jovens e adultos. “Que a força esteja com você”, está dizendo do poder e da energia da vida, o campo de energia criado por todas as coisas vivas. *Guerras nas estrelas* não é uma história de moralidades. Tem a ver com os poderes da vida, nos diz Joseph Campbell. “A história do jovem chamado à aventura, o herói que parte em expedição para enfrentar tormentos e provações e retorna, após a vitória, com uma bênção para a comunidade” (p.154) Como Ulisses, eu diria, e como tantos outros heróis.

⁷ CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990, p.153.

A velha história com modernos efeitos especiais providenciados por George Lucas e Steven Spielberg.

Batman não nasceu sendo o “Cavalheiro das Trevas”. Era um garoto feliz que vivia com seus pais até que um dia presenciou o assassinato dos dois, praticado sem piedade por um assaltante de rua. Com a fortuna herdada, torna-se um homem obsessivo no combate ao crime, porém sombrio, e a sua caverna é o refúgio onde se prepara para a luta contra o mal.

A descida às trevas é um lugar comum destinado aos heróis de todos os tempos. Jonas, o personagem bíblico é engolido por uma baleia e sai de lá transformado. O herói precisa defrontar-se com as trevas, aprender a lidar com o poder das sombras. Ulisses precisou descer ao inferno. E retornou. É assim que os mitos estimulam a tomada de consciência da sua perfeição possível, a plenitude da sua força, a introdução de luz solar no mundo, conclui Campbell. É assim que os super-heróis encantam e falam ao coração. É alguém que nos ensina que é possível arriscar a própria vida por algo maior que o nosso cotidiano. Que existe algo maior que o nosso cotidiano minúsculo a ser defendido. Que o mundo pode ser mais que sombras no fundo de uma caverna.

Fui jurada de uma feira de jovens empreendedores na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em outubro e um dos trabalhos julgados era de um mestrando do Curso de Engenharia Elétrica que apresentou um projeto que desenvolvia na zona rural da grande Porto Alegre com estudantes do ensino médio, sobre eletrostática. Ele construiu com os estudantes uma batcaverna para demonstrar as suas teorias. Outra estudante de física utilizou os superpoderes do Super-Homem para comprovar algumas de suas teorias sobre movimento e velocidade. Os alunos ficaram tão fascinados com as teorias da jovem professora que quiseram aplicar também aos outros heróis da *Liga da Justiça*.

A minha professora da segunda série do curso ginásial, nos introduziu na leitura de *D. Casmurro*, de Machado de Assis, pelo capítulo 33, o do *Penteado*, quando Bentinho se dispõe a pentear o cabelo de Capitu, e deixa-se ficar naquela tarefa por longos e intermináveis minutos como uma doce eternidade, até terminá-la com um oportuno beijo. Não começamos, então pelo primeiro capítulo, como deveria ser, porque a esperta professora de adolescentes de treze e poucos anos sabia que aquele seria o capítulo certo para se começar a ler *D. Casmurro*.
O sol iluminando a caverna!

Que a força esteja conosco!

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix / Pensamento, 2007.

_____. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Atenas, 1990.

JAEGER, Werner. **Paideia – a formação do povo grego**. São Paulo: [s.d.]

MAY, Rollo. **À procura do mito**. São Paulo: Manole, 1992.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

_____. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1987.

REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

Guerra nas estrelas (*Star Wars*) Direção: George Lucas. Produção: Lucas Film Ltd. EUA: 1977.

O Império contra ataca (*The Empire strikes back*). Direção: Irvin Kershner. Produção: Lucas Film Ltd., EUA: 1980.

O Retorno do Jedi (*Return of the Jedi*). Direção: Richard Marquand. Produção: Lucas Film LTD. EUA, 1983.